

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A República das Bananas e o Cidadão Refém

Publicado em 2026-03-20 10:44:41



BOX DE FACTOS

- Hoje voltou a haver paralisação no sector da saúde, com impacto directo sobre utentes já esmagados por atrasos e listas de espera.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- O privado cresce, investe e absorve procura, não por milagre ideológico, mas porque o falhanço do público se tornou rotina.
- O sector privado também sofre salários baixos e precariedade, mas não dispõe da mesma visibilidade sindical nem da mesma capacidade de bloqueio nacional.
- Portugal tornou-se um país onde o contribuinte paga o sistema público e, depois, paga outra vez para escapar dele.

A República das Bananas e o Cidadão Refém

Neste país fatigado, a liberdade do cidadão parece resumir-se a escolher entre esperar até adoecer mais um pouco ou pagar do próprio bolso por aquilo que já financiou com impostos. Chamam-lhe Estado social. Em muitos dias, parece apenas um biombo roto diante da decadência.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ningem governar, os sindicatos fingem defender o interesse geral, os aparelhos partidários fingem indignação selectiva, e o cidadão comum — esse figurante trágico da República — finge ainda acreditar que o sistema existe para o servir. Entretanto, a realidade vai fazendo o seu trabalho bruto, sem retórica nem maquilhagem. Greves sucessivas, hospitais exaustos, centros de saúde amputados de resposta, consultas adiadas, cirurgias empurradas como tralha incómoda para o fundo do calendário, e uma população envelhecida que vive cada episódio de bloqueio como quem entra num corredor sem janelas. No meio desta paisagem, a classe política continua a falar como se estivesse numa conferência, quando o país real já está na sala de espera a perder a paciência e, por vezes, a saúde.

O direito à greve não pode ser uma licença para o colapso

Convém dizê-lo com nitidez: o direito à greve é legítimo.

Pertence ao campo das conquistas civilizacionais e não deve ser tratado com leviandade. Mas uma democracia madura não confunde direitos com imunidades absolutas, nem tolera que sectores vitais de um país vivam em estado quase

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

a interrupção recorrente de funções essenciais num país já periclitante. Em Portugal, esse limite foi sendo apagado. Criou-se uma cultura política em que qualquer bloqueio do Estado é logo embrulhado em moralidade de catálogo, como se bastasse invocar “direitos” para absolver todas as consequências. Só que as consequências existem. Têm rosto. Têm nome. Têm dor. Têm idade. Têm medo. E não aparecem nas conferências de imprensa sindicais nem nos discursos untuosos de ministros que prometem “acompanhar a situação”. O que se instalou foi outra coisa: um regime de irresponsabilidade difusa. O Governo culpa o passado. Os sindicatos culpam o Governo. A oposição culpa o sistema. O sistema culpa a conjuntura. E o cidadão culpa-se a si mesmo por não ter dinheiro suficiente para escapar à armadilha. Eis o retrato de uma república tropical com pretensões europeias: muita semântica institucional, pouca prestação efectiva, e uma habilidade quase artística para fazer do contribuinte um refém educado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

talvez a obsessividade maior esteja aqui. As famílias portuguesas suportam uma carga fiscal pesada, directa e indirecta, num país onde os salários continuam demasiadamente baixos e a folga financeira é um luxo para minorias. Apesar disso, recebem em troca serviços públicos cada vez mais erráticos, saturados e frágeis. Quando o sistema falha, não lhes é dada uma compensação; é-lhes apresentado um corredor de fuga: seguro de saúde, consulta privada, exame pago à parte, urgência particular, pacote adicional de sobrevivência. Ou seja: o cidadão paga ao Estado como se vivesse numa ordem pública robusta e, depois, paga ao mercado para escapar àquilo que o Estado não lhe entrega. É uma espécie de dupla tributação da fragilidade. Primeiro, confisca-se em nome da solidariedade. Depois, cobra-se de novo em nome da necessidade. Pelo meio, ainda há quem chame a isto justiça social, talvez porque a hipocrisia, em Portugal, também já tenha carreira especial. E aqui entra um ponto que raramente é dito sem medo de melindrar os devotos do altar estatal: os baixos salários não são uma ferida exclusiva da função pública. O sector privado, onde milhões vivem sem o megafone institucional, sem o palco sindical permanente e sem a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

nao detem a mesma capacidade de parar o pais. Trabainam, calam-se, remendam a vida, e ainda ouvem lições sobre solidariedade vindas de estruturas que raramente olham para fora do seu perímetro corporativo.

Sindicalismo ou teatro de guerra partidária?

Não é sério fingir que todo o sindicalismo português age apenas por idealismo puro. Em muitos casos, há carreiras políticas disfarçadas de combatividade laboral, calendários de pressão cuidadosamente alinhados com conveniências partidárias e uma estratégia de desgaste que usa os serviços públicos como palco de demonstração. O utente torna-se figurino. O doente torna-se argumento. O caos torna-se instrumento. Isto não invalida as reivindicações concretas. Invalida, isso sim, a inocência mitológica com que certos actores se apresentam. Num país adulto, seria possível distinguir reivindicação justa de coreografia ideológica. Mas Portugal gosta demasiado do nevoeiro. E no nevoeiro prospera sempre o mesmo mecanismo: prolonga-se o conflito, dramatiza-se a negociação, adia-se a reforma de fundo, e preserva-se a máquina de intermediação que alimenta o ecossistema político-sindical. A saúde, a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

influência, protagonismo e narrativa. E assim o essencial desaparece: quem serve quem? O Estado serve o cidadão ou serve-se do cidadão como combustível financeiro e refém emocional?

O SNS degradado e a ascensão silenciosa do privado

Enquanto o país se entretém com slogans, o mercado lê a realidade com frieza clínica. Se o público falha, o privado expande. Se o SNS emperra, os grupos privados investem. Se a espera corrói, a procura desloca-se. Não é uma conspiração; é uma consequência. E essa consequência torna-se cada vez mais visível: mais consultas, mais exames, mais partos, mais cirurgias, mais seguros, mais dependência de uma solução paralela que cresce precisamente sobre as ruínas funcionais da solução universal. Isto não significa que o privado seja moralmente puro nem que deva substituir o SNS. Significa algo talvez mais perturbador: o Estado português está a financiar, por omissão e incompetência, a sua própria irrelevância operacional. Cada falha prolongada do serviço público é publicidade gratuita para o mercado. Cada greve mal enquadrada, cada lista de espera desumana,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

um sistema concebido para proteger a universalidade vai-se transformando num corredor de triagem social. Os mais frágeis ficam. Os remediados esticam-se até ao privado. Os ricos seguem noutra circuito. No fim, a coesão desaparece e sobra a propaganda.

Isto não é liberdade. É libertinagem institucional.

Chamar “liberdade” a este estado de coisas é uma perversão semântica. Liberdade não é deixar o país entregue a paralisações recorrentes sem redes mínimas de protecção ao utente. Liberdade não é obrigar famílias já esmagadas por impostos e custo de vida a comprar no mercado aquilo que o Estado prometeu garantir. Liberdade não é manter intocável uma arquitectura de interesses onde todos os intermediários sobrevivem, menos o cidadão comum. Isto é libertinagem institucional: um regime onde os deveres se dissolvem, os direitos são invocados sem critério proporcional, a responsabilidade política evapora-se e o povo é chamado apenas para financiar a peça. Em qualquer sociedade lúcida, serviços essenciais teriam carreiras dignas, avaliação séria, negociação permanente, contingência robusta e limites

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O que tem de mudar

O país precisa de uma ruptura de seriedade. Não de retórica, não de comunicados, não de solenidades ocas. Precisa de três coisas muito simples e, ao que parece, revolucionárias neste rectângulo cansado: carreiras verdadeiramente valorizadas, serviços essenciais blindados contra o colapso recorrente e responsabilização efectiva de governos que deixam os sectores públicos chegar ao limiar da implosão. Isso implica rever regras, impor deveres de continuidade, criar mecanismos automáticos de contingência, medir desempenho com rigor, eliminar o parasitismo partidário nas engrenagens da administração e enfrentar a verdade social que quase todos conhecem mas poucos ousam dizer em voz alta: o Estado português, em demasiadas áreas, cobra como um aparelho moderno e entrega como uma repartição em agonia. Não basta admirar o problema, como se fosse uma paisagem triste junto ao Tejo. É preciso cortar o nó. Porque um país onde o cidadão vive permanentemente à mercê do calendário reivindicativo, das greves sucessivas, da desordem acumulada e da fuga para o privado não é uma

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A república das bananas não se define pela ausência de leis. Define-se pela distância obscena entre as leis e a vida real. Define-se pelo cerimonial da respeitabilidade enquanto o essencial apodrece. Define-se por esta habilidade toda portuguesa para manter de pé a fachada de um Estado protector, mesmo quando o cidadão já percebeu que, no momento da verdade, está praticamente sozinho. E talvez seja essa a frase mais dura — e mais exacta — para o Portugal de hoje: o problema já não é apenas a degradação dos serviços públicos; é a normalização moral dessa degradação por quem vive dela, a gere, a comenta ou a instrumentaliza.

Frase final: Quando o Estado cobra como senhor, falha como criado e empurra o povo para o privado, já não governa — administra a decadência com carimbo oficial.

Francisco Gonçalves com Co-autoria editorial de
Augustus Veritas *Fragmentos do Caos — onde a palavra*

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Nota Editorial

Cinquenta anos depois do 25 de Abril, há uma pergunta que já não pode ser adiada nem abafada sob as cerimónias da retórica oficial: que democracia construímos, afinal, quando a impunidade prospera, a mediocridade ascende e o mérito continua a ser tratado como ameaça? Em demasiadas instituições portuguesas, consolidou-se ao longo das décadas uma cultura de irresponsabilidade protegida, de selecção invertida e de tolerância crónica ao pequeno poder sem visão, sem grandeza e sem obra. O resultado é um país onde a liberdade formal sobrevive, mas muitas vezes esvaziada de exigência, de verticalidade moral e de verdadeiro serviço ao bem comum. Quando os incapazes se protegem entre si, quando os medíocres distribuem legitimações recíprocas e quando os melhores são travados, desincentivados ou empurrados para a margem, o regime deixa de ser instrumento de emancipação nacional e passa a funcionar como administração rotineira do declínio. O mais grave é que esta decadência já nem sempre se apresenta com estrondo — instala-se mansa, burocrática, carimbada, homologada, quase respeitável. E é precisamente aí que o perigo cresce:

Blogue Fragmentos do Caos




A verdade nasce onde o pensamento é livre.

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)

 **Fragmentos do Caos:** [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)